

Enid Blyton

Os **CINCO**

**E OS RAPTORES**

OFICINA  
DO LIVRO



## ÍNDICE

1. No Casal Kirrin	11
2. Uma visita a meio da noite	19
3. Notícias desagradáveis	29
4. A Berta	39
5. Na manhã seguinte	47
6. Uma série de contratempos	55
7. Uma pequena reunião	65
8. Uma transformação	73
9. Um telefonema inesperado	81
10. Uma coisa estranha	91
11. Na ilha de Kirrin novamente	101
12. Muito suspeito	111
13. Um choque terrível	121
14. Onde está a Zé?	129
15. Descobertas no bosque	139

16. A João	149
17. Na feira do <i>Gringo</i>	159
18. O <i>Remoinho</i> dá uma grande ajuda	169
19. Um plano empolgante	179
20. Uma aventura emocionante	189
21. Uma grande surpresa!	199
22. «Os Cinco são mesmo catitas!»	207

## 1. NO CASAL KIRRIN

— Parece que já estamos em Kirrin há um mês, mas na verdade acabámos de chegar! — exclamou a Ana, esticando-se na areia quente e enterrando nela os pés.

— Sim, é curioso como nos adaptamos num instante a Kirrin. Chegámos ontem e, de facto, é como tu dizes, Ana, parece que já cá estamos há uma eternidade. Adoro Kirrin! — declarou o David.

— Só espero que este tempo se mantenha durante as três semanas que ainda nos restam de férias — desejou o Júlio, rebolando-se para longe do *Tim*, que não parava de lhe dar com a pata, desafiando-o para brincar. — Sai daqui, *Tim*. Estás hiperativo. Já tomámos banho, corremos, jogámos à bola. É o bastante por agora. Vai brincar com os caranguejos!

— ão! — ladrou o *Tim*, desgostoso.

Em seguida, arrebitou as orelhas ao ouvir o som de uma campainha no passeio junto à praia e voltou a ladrar.

— O *Tim* já reparou no vendedor de gelados. Alguém quer um? — perguntou o David.

Todos quiseram. A Ana recolheu então o dinheiro e, seguida pelo *Tim*, foi comprá-los. Regressou carregada com cinco gelados e o *Tim* aos pulos à volta dela.

— Não há nada melhor do que estar deitado na areia quente, a sentir o sol na pele, comendo gelados e sabendo que ainda temos três semanas de férias pela frente, e aqui em Kirrin! — referiu o David.

— Sim, é maravilhoso — concordou a Ana. — Que pena o teu pai ter visitas hoje, Zé. Quem são? Será que vamos ter de nos aperaltar?

— Não creio — respondeu a Zé. — *Tim*, devoraste o teu gelado de uma só vez. Que desperdício!

— A que horas chegam essas visitas? — perguntou o David à Zé.

— Por volta do meio-dia e meia. Vêm almoçar, mas felizmente o meu pai prefere não ter um bando de crianças barulhentas à mesa, por isso a minha mãe disse que podemos ir ao meio-dia e meia, cumprimentamos as visitas e voltamos a sair com um cesto recheado de coisas para um piquenique.

— O teu pai, por vezes, tem ideias muito boas — comentou o David. — Essas visitas devem ser uns cientistas amigos dele, não?

— Sim. O meu pai está a trabalhar num projeto muito importante com esses dois colegas. Um deles, pelos vistos, é um génio e teve uma ideia extraordinária — contou a Zé.

— Que tipo de ideia? — perguntou o Júlio, esticando a mão para que o *Tim* pudesse lambe os pedaços de gelado

que lhe tinham escorrido por entre os dedos. — Uma maneira mais rápida de viajarmos até à Lua, uma bomba ou...

— Não. Julgo que é uma coisa que nos dará calor e luz quase de graça! Ouvi o meu pai dizer que é a ideia mais simples e espetacular que alguém poderia ter, e está muito entusiasmado com ela. Chamou-lhe «uma dádiva à humanidade» e sente-se muito orgulhoso por estar envolvido no projeto — revelou a Zé.

— O tio Alberto é muito inteligente, não acham? — disse a Ana.

O pai da Zé era tio do Júlio, do David e da Ana; portanto, os três irmãos eram primos da Zé, o diminutivo de Maria José. Mais uma vez, tinham ido todos passar uma parte das férias a Kirrin.

O tio Alberto era de facto um homem muito inteligente. Ainda assim, a Zé por vezes desejava ter um pai mais *vulgar*, que jogasse e brincasse com ela e com os primos, em vez de ficar horrorizado com os seus gritos, gargalhadas e partidas. Ficava sempre muito contrariado quando a mãe da Zé insistia em que os sobrinhos fossem passar as férias a Kirrin.

— Miúdos barulhentos, irrequietos! Vou fechar-me no escritório e não saio de lá até regressarem à escola! — reclamara ele.

— Faz como quiseres, Alberto — respondera-lhe a mulher. — Mas tu bem sabes que eles passam os dias praticamente todos na rua. A Zé tem de conviver com outras crianças, e os primos são muito bem-educados e amáveis. A Zé adora tê-los cá.

As quatro crianças tinham todo o cuidado para não perturbar o pai da Zé, pois ele irritava-se facilmente e gritava a plenos pulmões quando se zangava. Como o Júlio dizia, o tio Alberto não tinha culpa de ser um génio, e os génios não eram pessoas comuns.

— Em especial os génios científicos, capazes de fazer o mundo explodir num acesso de fúria — alegou o Júlio, com um ar sério.

— Pois eu cá preferia que ele não explodisse quando eu bato com uma porta sem querer ou deixo o *Tim* ladrar — referiu a Zé.

— Deve ser para não perder a prática... Afinal, uma explosão por dia dá saúde e alegria — brincou o David.

— Não sejas palerma. Alguém quer vir ao banho? — desafiou a Zé.

— Eu, não, mas não me importo de me deitar à beira da água, deixando as ondas molharem-me. Está bastante calor aqui na areia — disse o David.

— Eu acho uma ótima ideia — concordou a Ana. — Mas quanto mais quente estiveres, mais fria te parecerá a água.

— Então vamos! Não tarda, estou de língua de fora como o *Tim*! — exclamou o David, levantando-se.

Foram até à beira da água e deitaram-se à mercê das pequenas ondas que aí rebentavam. A Ana deu um gritinho.

— Está gelada, tal como eu esperava. Ainda não me consigo deitar. Por enquanto tenho de ficar sentada.

— Todavia, daí a pouco tempo já estavam os quatro estendidos à beira-mar, deslizando pela areia à medida que a



maré ia baixando. Era muito agradável sentirem a frescura da água por todo o corpo.

De repente, o *Tim* ladrou. Não estava na água com as crianças, mas junto à areia. Achava desnecessário meter-se na água! A Zé levantou a cabeça.

— Que se passa, *Tim*? Não vem aí ninguém — disse ela.

Contudo, o David também ouvira qualquer coisa. Sentou-se à pressa.

— Parece alguém a tocar um sino. Ah, deve ser do Casal Kirrin!

— Mas ainda não são horas do almoço! — reclamou a Ana, desanimada.

— Devem ser — argumentou o Júlio, pondo-se de pé. — Bolas! É o que dá ter deixado o relógio no bolso! Devia ter-me lembrado de que o tempo em Kirrin passa mais depressa!

Correu praia acima até onde deixara as suas coisas e tirou o relógio do bolso dos calções.

— É uma hora! — gritou. — Na verdade, já passa um minuto da uma. Despachem-se, vamos chegar atrasadíssimos!

— Bolas! A minha mãe não vai ficar nada satisfeita connosco. Os dois cientistas já devem ter chegado! — exclamou a Zé.

As quatro crianças pegaram nas suas coisas e desataram a correr. Por sorte, a praia não ficava muito longe do Casal Kirrin, por isso depressa chegaram ao portão. Estava um carro grande e reluzente estacionado à porta, mas não havia tempo para o admirarem!

Entraram sem fazer barulho pela porta da cozinha. A mãe da Zé estava lá à espera deles, bastante zangada.

— Desculpe, tia Clara. Por favor, perdoe-nos. A culpa foi toda minha. Só eu é que levava relógio — disse o Júlio.

— Estamos muito atrasados? — perguntou a Ana.  
— Já começaram a almoçar? Se quiser, nós pegamos no cesto do piquenique e esgueiramo-nos sem vos interromper.

— Não é preciso. Felizmente, o vosso tio continua trancado no escritório com os amigos. Já os chamei, mas creio que nem me ouviram! Toquei o sino a chamar-vos porque temia que eles aparecessem de um momento para o outro, e o tio iria ficar muito zangado se não estivessem aqui para cumprimentar as visitas! — explicou a tia Clara.

— Mas os amigos do pai habitualmente não querem ver-nos — fez notar a Zé, surpreendida.

— Sim, mas um deles tem uma filha um pouco mais nova do que tu, Zé... Creio que também é mais nova do que a Ana... E ele pediu para vos conhecer, porque a menina vai para o vosso colégio no próximo período — explicou a mãe.

— Assim sendo, o melhor é irmo-nos arranjar num instante — sugeriu o Júlio. Mas nesse momento a porta do escritório abriu-se e o tio Alberto apareceu com os dois colegas.

— Olá! São estes os seus miúdos? — perguntou um dos homens.

— Acabaram de vir da praia — apressou-se a tia Clara a esclarecer — e não estão em condições de cumprimentar ninguém...

— Ora essa! Não precisa de se desculpar. Estes jovens parecem ser um grupo muito unido e simpático. Devem ser formidáveis!

O homem falava com um sotaque americano e sorria de orelha a orelha. As crianças simpatizaram com ele de imediato. Virou-se então para o pai da Zé.

— São todos seus? Aposto que tem muito orgulho neles! Como é que conseguiram um bronzado assim? Parecem uns peles-vermelhas! Quem me dera que a minha Berta ficasse assim morena!

— Não são todos meus filhos — tratou logo o tio Alberto de elucidar, horrorizado com semelhante ideia. — Só tenho um — continuou, colocando a mão no ombro da Zé. — Os restantes são meus sobrinhos.

— Ena, tem um belo rapaz — comentou o americano, despenteando os caracóis da Zé.

De uma forma geral, a Zé detestava que lhe fizessem aquilo, mas como o homem a confundira com um rapaz, sorriu alegremente!

— A minha filha vai para a tua escola. É natural que a princípio se sinta acanhada. Ajuda-a a ambientar-se, está bem? — pediu o americano à Ana.

— Claro que sim — respondeu a Ana, encantada com aquele homem encorpado e de voz grossa.

Não parecia nada um cientista. O outro, sim, tinha todo o ar de cientista. Era um homem de ombros descaídos, usava óculos de aros grossos e redondos e, tal como o tio Alberto costumava fazer, olhava fixamente para longe, como

se não estivesse a ouvir uma única palavra da conversa em seu redor.

Achando que já bastava de tagarelice, o tio Alberto enxotou as crianças.

— Vamos almoçar — disse ele para os colegas.

O segundo homem seguiu-o de imediato, mas o americano ficou para trás. Levou a mão ao bolso e tirou uma nota, que estendeu à Ana.

— É para vocês — disse ele. — E sejam amáveis para a minha Berta, está bem?

Depois entrou na sala de jantar, fechando a porta com toda a força.

— Que irá o meu pai dizer de um estrondo assim?! — comentou a Zé, com uma risada. — Simpatizei com este senhor. E vocês? O carro estacionado lá fora deve ser dele. Não consigo imaginar o outro homem a conduzir sequer uma bicicleta, quanto mais um automóvel!

— Meninos, peguem no cesto do piquenique e vão andando! — pediu a tia Clara, num tom apressado. — Tenho de ir ver se está tudo em ordem com o almoço!

Entregou o farnel ao Júlio e correu para a sala de jantar. O Júlio sorriu ao sentir o peso do cesto.

— Venham daí! Isto promete! De volta à praia, malta!